Vertigens do conservadorismo

Estamos na era da cultura coxinha, um tempo chapado e raso, marcado por uma indignação fru-fru

EUGÊNIO BUCCI
04/09/2015 - 17h29 - Atualizado 04/09/2015 17h29

Comp. (28) Pinar (0) Comp. (0) Comp.

Tuítar Assine já!

Coluna publicada na edição 893 de ÉPOCA (20 de junho de 2015)

A mística da rebeldia perdeu o encanto. Ficou brega. A transgressão saiu de moda. Agora, ser competitivo é mais charmoso do que ser sonhador. A utopia é uma carcaça no acostamento. Quem ficar falando em "mudar o mundo" corre um risco de sair do médico com uma receita de psicotrópico tarja preta. Só o que resta de idealismo é a filantropia esclarecida a que se dedicam as almas que ainda não ficaram completamente desalmadas. No mais, estamos na era da cultura coxinha.

É um tempo chapado e raso. Nem o inconformismo escapa. Quando alguma indignação entra em cena, é uma indignação fru-fru. A sociedade brasileira agora deu de bater panela contra o governo federal. As consciências mais elegantes da cidade protestam, mas cuidam de não amarfanhar a camisa polo. Os oposicionistas parecem coroinhas. Aventura? Esqueça. Aventura, hoje, na melhor das hipóteses, é um pacote turístico que você compra, pagando caro, para anabolizar o fim de semana prolongado. Quanto à política, ora essa, a política se resolve na base do xingamento. De preferência, de cima para baixo: os ricos xingando os pobres – e, sempre, sem suar o colarinho.

A cultura coxinha ama o establishment, o conforto e a repetição do conhecido. A manutenção do privilégio presente é seu único projeto de futuro. Não surpreende, portanto, que o conservadorismo impere em todos os campos.

No campo dos costumes, o discurso conservador perde um pouco a compostura, mas não perde os anéis. Embora os bons modos prevaleçam no didatismo das novelas de TV (onde impera o "coxinha soft power"), embora o preconceito sexual esteja em baixa nos melhores noticiários da praça, é terrível como vem ganhando tônus a reação obscurantista. Na Câmara dos Deputados, avolumam-se os pronunciamentos ofensivos contra qualquer sexualidade que se afaste minimamente da conjunção carnal para fins reprodutivos. Os oradores se deliciam em mandar excomungar os gays. Os profetas do puritanismo selvagem experimentam vertigens de prazer ao prometer conservar a libido encaixotada num padrão anódino e funcional, como se o desejo obedecesse a ordens. É estranho.

No campo da segurança pública, a paisagem ganha tons sanguinolentos. O sensacionalismo policial se espalhou como numa metástase. O mau gosto que antes se limitava aos programas policiais das tardes televisivas agora contamina os púlpitos das igrejas, as tribunas legislativas e os parlatórios ao ar livre. Campeia no país um fanatismo sádico e salivante, cujos profetas, encastelados em cargos públicos ou cultuados como mensageiros do além, entram em transe quando apedrejam os direitos humanos e clamam pela redução da maioridade penal. Querem enjaular adolescentes – adolescentes pobres, bem entendido. Desejam conservar a violência da ordem, como se a violência conservasse alguma ordem. De novo, é estranho.

No campo da economia, a coisa é um pouquinho mais sutil, mas só um pouquinho. É bem verdade que, em matéria de economia, o pensamento conservador esmerou-se na virtude da prudência. É verdade, também, que não há mercados civilizados sem uma boa dose de ortodoxia monetária com balizas macroeconômicas mais sóbrias. No entanto, o conservadorismo econômico que anda à solta por aí já debandou de sua melhor tradição. Não tem mais pensamento nenhum. Reduziu-se a um receituário decorado, que consiste em dizer amém aos donos do dinheiro. Esse conservadorismo sem espírito crê no cifrão como a melhor medida do humano e entra em alfa quando se imagina uma ciência exata. Seus acólitos veem na política o prolongamento dos números e no Estado um agente do lucro. Eles calculam, mas não pensam. São fiéis aos senhores do capital, como se o capital fosse fiel a algum senhor.

No campo dos costumes, o conservadorismo é a caretice. No da segurança pública, prepotência. Na economia, servilismo. Na política, é tudo isso junto, com pequenas variações. Você pode alegar que, nas suas origens, cada um desses conservadorismos é distinto, que eles não se misturam. Mas, no Brasil em que convivemos hoje (e mal), eles se fundem numa onda compacta cujo denominador comum é o repúdio à solidariedade humana e ao pensamento crítico.

O conservadorismo que aí está é só um delírio. Seus adeptos desejam conservar a clarividência e a força que jamais alcançaram para resolver por antecipação um problema que nunca virá. Querem conservar um poder medroso para dominar os mais medrosos ainda. Vivem de vertigens febris, alucinadas, insanas – mas que nunca foram tão contagiosas. O conservadorismo é maioria num país em que o mito da revolução caiu na vala do crime comum. E da breguice.